

Introdução à Alquimia



Ruan Carlos

Sumário

Apresentação 3

Ouro e Prata 5

Ouroboros e o Todo..... 10

Enxofre, Mercúrio e Sal 14

Caos Interior e os Setenários 17

Nigredo, Albedo e Rubedo23

Apresentação

Em tempos pós-modernos, industriais e científicos, o mecanicismo e o 'racionalismo' cego tornaram-se os novos deuses dos néscios. Por outro lado, as ciências tradicionais que enxergavam vida, inteligência e alma no Cosmos foram consideradas falsas e primitivas e ganharam o título pejorativo de 'pseudociências'. Resumidamente, o homem arrogantemente transformou a Natureza, que outrora estava repleta de espiritualidade e vida, em uma grande máquina vazia.

No entanto, o que muitos materialistas modernos prepotentemente não compreendem é que as ciências tradicionais não estão opostas em veracidade ao que hoje é a ciência moderna. Em outros termos, não é porque a ciência moderna é verdadeira dentro de uma cosmovisão que as ciências tradicionais são falsas.

Pelo contrário, a ciência moderna compreende a realidade sob prismas materiais e mecanicistas. Ao mesmo tempo, as ciências tradicionais intuem a realidade sob pilares espirituais e organicistas. Em suma, um homem moderno enxerga no Cosmos um computador seguindo leis inteligentes e lógicas, enquanto um homem tradicional vai além e enxerga no Cosmos um grande organismo vivo e o *logos* que mantêm as leis universais *vivas*.

Por isso é lamentável julgar as ciências tradicionais como falsas unicamente por intuírem a realidade com outros olhos. Ademais, as ciências tradicionais não precisam da validação da ciência moderna, pois enquanto esta é direcionada ao mundo material, a outra é direcionada ao mundo espiritual.

Tendo feito esse breve apelo e comentário, pode-se dizer que a alquimia é uma das ciências tradicionais que mais sofreram, e ainda sofrem, com os ataques dos ignorantes cientificistas. Pois em oposição ao que julgam os incultos, a alquimia é uma corrente mística e espiritual totalmente desassociada da cosmovisão mecânica da modernidade e tem como objetivo uma ascensão espiritual.

A alquimia não é uma proto-química ou uma pseudociência obsoleta, como costumam dizer, mas uma doutrina mística repleta de simbolismos esotéricos e significados soteriológicos. O praticante alquimista não deseja conhecer materialmente os elementos químicos e transmutar materialmente o chumbo em ouro, mas sim partir da ignorância em direção à iluminação espiritual.

Portanto, neste livreto, com o auxílio das fontes primárias milenares e das fontes secundárias escritas e divulgadas por eruditos da arte régia, serão expostos e trazidos à luz do entendimento os princípios e objetivos que compõem a alquimia hermética.



Ouro e Prata

A Alquimia Hermética decerto bebeu muito das filosofias pitagóricas e platônicas. Pode-se dizer, inclusive, que o hermetismo nada mais é do que a mística egípcia traduzida ao *logos* grego por meio do platonismo e neoplatonismo. Tal fato fica quase que óbvio quando o leitor se depara com textos como os do Corpus Hermeticum, por exemplo.

A primeira dessas influências, e também uma das mais importantes, é o dualismo pitagórico e platônico. Na alquimia, esse dualismo é traduzido em termos de ouro e prata, masculino e feminino, enxofre e mercúrio, sol e lua, fixo e volátil. Entretanto, apesar de suas limitadas expressões, o dualismo alquímico representa todas as dualidades do mundo.

No entanto, todas as dualidades alquímicas, assim como também todas as dualidades do mundo, podem ser reduzidas à simples dualidade entre unidade e multiplicidade. Filolau, um dos mais importantes filósofos pitagóricos, chamou a unidade de *limite* e a multiplicidade de *ilimitado* e afirmou:

“A natureza na ordem do mundo (kosmos) foi unida harmoniosamente (harmochthe) a partir de coisas ilimitadas (apeira) e também de coisas limitantes (perainonta), a ordem do mundo como um todo e todas as coisas nele.”

~Filolau, “Da natureza das coisas”.

Em termos didáticos, o *ilimitado* é a força que possibilita existir *muitas* coisas e o *limite* é a força que permite cada coisa ser *uma* coisa. Existem, por exemplo, *muitos* objetos no mundo (ilimitado), mas cada um dos objetos se mantém como *um* objeto (limite). De maneira semelhante, a *multiplicidade* dos objetos existentes (ilimitado) está subordinada à *unidade* do Todo (limite).

Se, no mundo, houvesse só limite, não existiriam múltiplas coisas e nenhuma dualidade. Somado a esses fatores, também nada poderia ser conhecido, pois

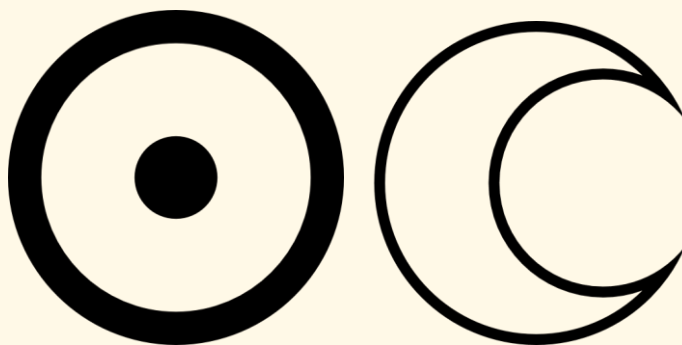
o processo de conhecer é oriundo da relação dual entre sujeito conhecedor e objeto conhecido.

Igualmente, se, no mundo, houvesse apenas ilimitado, não existiriam unidades e, dessa maneira, não existiriam *coisas*. Ademais, também nada poderia ser conhecido ou definido, pois tudo seria dissolvido no mar da indeterminação e do infinito.

Na alquimia, esse dualismo foi velado sob uma linguagem mais hermética e simbólica. A *unidade* (limite) foi metaforicamente identificada com o ouro, o masculino e o Sol. A multiplicidade (ilimitado) foi metaforicamente identificada com a prata, o feminino e a Lua.

A razão disso é que o ouro é um metal extremamente *fixo*, o que o assemelha ao *limite*, a força que faz cada coisa *permanecer* fixa e individualizada nela mesma. Além do mais, o ouro é o metal que mais se assemelha ao Sol, o astro que permanece sempre o mesmo.

A prata, por outro lado, corresponde ao múltiplo e ao *ilimitado* porque, além de ser mais *volátil* que o ouro, é o metal que mais se assemelha à Lua, o astro que, ao contrário do Sol, é tomado pela mutabilidade e pelo múltiplo de suas fases.



Acima, tem-se, respectivamente, os símbolos alquímicos do ouro e da prata. A unidade do ouro é exprimida pelo ponto *fixo* na parte *central* de seu círculo completo. A multiplicidade da prata é representada pela meia-lua que evidencia um *processo* e a ausência de um centro fixo. É interessante mencionar que, na astrologia, os símbolos do ouro e da prata são reutilizados para representar o Sol e a Lua.

Quanto aos princípios masculinos e femininos, a *unidade* é associada ao masculino e a *multiplicidade* ao feminino. Essa correlação é efetuada porque é o homem quem mantém permanentemente o sêmen da reprodução *dentro* de si, e é a mulher que, induzindo o homem a colocar seu sêmen para *fora*, nutre o sêmen do homem e gera uma nova vida.

A dualidade alquímica também é expressada em termos de enxofre e mercúrio, onde o enxofre corresponde ao *masculino* e o mercúrio ao *feminino*. Tal correspondência é derivada do fato do mercúrio ser um metal extremamente volátil, ao contrário do enxofre.



A essência feminina do mercúrio (figura 01) é evidenciada pela meia-lua apontada para cima presente em sua parte superior. A meia-lua do símbolo mercuriano exprime a essência lunar e mutável do mercúrio. Além do mais, simboliza também um útero feminino.

Por sua vez, a masculinidade do enxofre (figura 02) é indicada principalmente pela cruz apontada para baixo presente em sua parte inferior. Apesar da mesma cruz ser também comum ao mercúrio, no enxofre ela toma outro significado: representa o falo masculino a partir do qual o sêmen é transportado para o útero da mulher.

Essa interpretação é evidenciada como verdadeira quando se observa que a cruz inferior do enxofre, o falo masculino, se conecta e se ajusta perfeitamente com a meia-lua superior do mercúrio, o útero feminino. A união entre o enxofre e o mercúrio leva o alquimista ao casamento do rei e da rainha, no qual se exprime a unidade das polaridades e o ouroboros.

Para finalizar este tópico, em textos alquímicos, o enxofre também é associado ao *espírito* e o mercúrio à *alma*. Por ora, basta dizer que o espírito é o fogo que dá existência e *ser* a cada um, e a alma é a substância vivificante que anima e *movimenta* cada ser. O casamento entre o enxofre (espírito) e o mercúrio (alma) é efetuado no corpo (sal).

“Tudo o que cresce, vive e se move neste mundo contém Enxofre, sendo o Mercúrio a vida, e sendo o Sal a essência corpórea do desejo do Mercúrio.”

~Jacob Boehme, “Aurora Nascente”

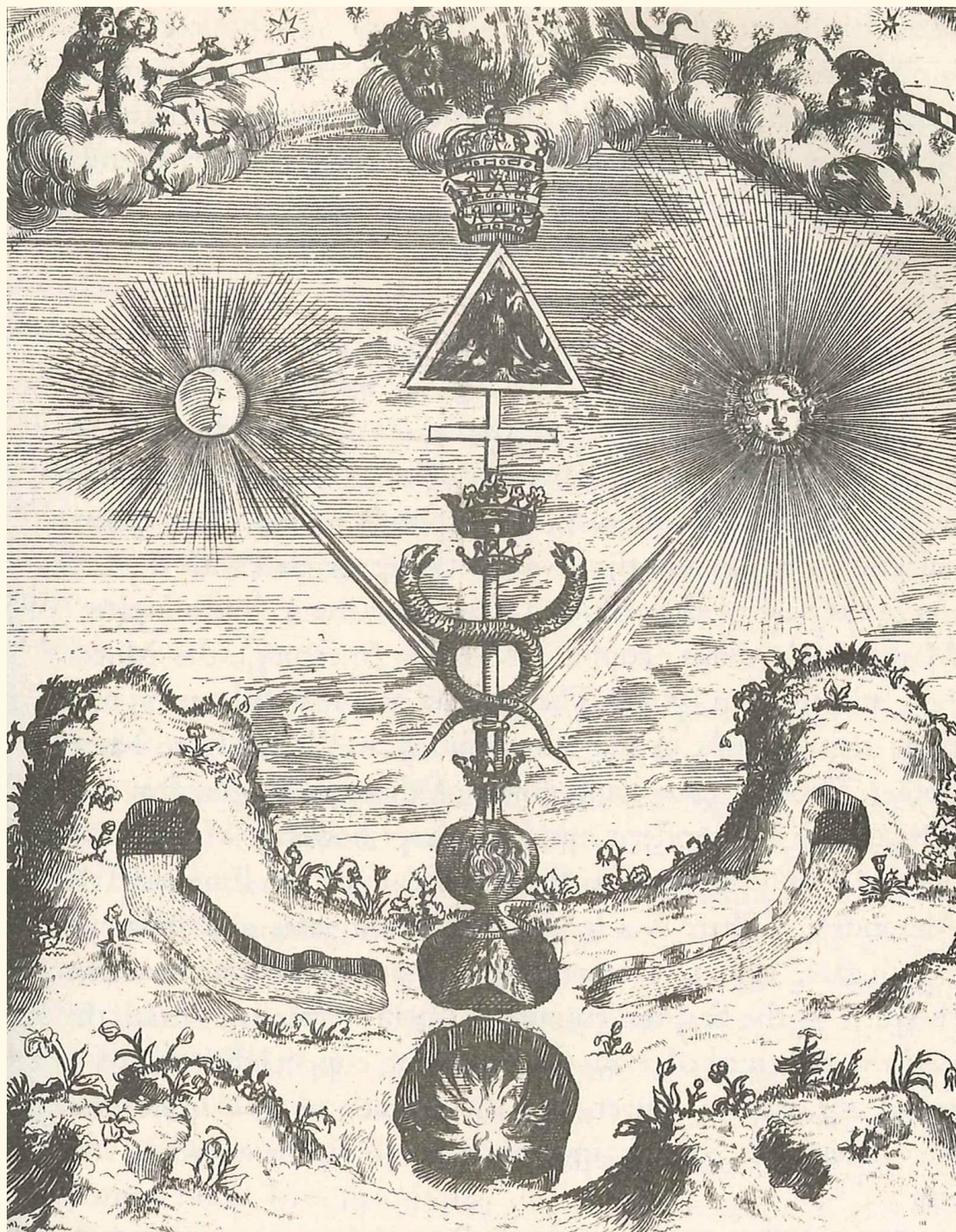
Reconhecer a dualidade da realidade é o passo estrutural da jornada alquímica porque é a partir dele que o alquimista pode trabalhar na posterior neutralização e união dos opostos, objetivo último da alquimia. A etapa de reconhecer a dualidade em si e no mundo é denominada *Obra em Negro*, também chamada de *Nigredo*.

Não é por acaso que os textos alquímicos começam quase sempre expondo uma dualidade, como é o caso do *Livro de Lambspring*, onde no primeiro capítulo é dito majestosamente:

“Esteja avisado e entenda verdadeiramente que dois peixes estão nadando em nosso mar.”

Livro de Lambspring, I.

Enfim, outros podem ser os elementos usados para simbolizar a dualidade universal, como céu e terra, fogo e água, princípio e fim, chumbo e ouro, homem e deus, bem e mal, acima e abaixo, ordem e caos, mônada e díade indefinida, entre outros – mas todas essas dualidades apontam para a mesma dualidade universal.



Microboros e o Todo

A partir dessas simples concepções de dualidade no Todo, o alquimista é induzido a aceitar um outro pilar fundamental na alquimia: a máxima de que “tudo é um”. Ora, se o cosmos é uma harmonia de unidade e multiplicidade, significa que a unidade e a multiplicidade se comunicam de forma harmoniosa e estão interligadas no Todo. Em outras palavras, a unidade e a multiplicidade não estão absolutamente separadas, mas subordinadas à unidade absoluta (Todo).

Giordano Bruno, famoso alquimista da renascença, escreveu em sua *magnum opus* intitulada “A Causa, o Princípio e o Uno”:

*“Na multiplicidade há unidade, na unidade há multiplicidade.
O Todo é multimodal e multiforme. O Todo é Um.”*

~Giordano Bruno, em “A Causa, o Princípio e o Uno”.

Em suma, o Todo é a identidade absoluta dos contrários. É a identidade do ser e do não-ser, da ordem e do caos, do princípio e do fim, da unidade e da multiplicidade, do ato e da potência, da forma e da matéria, do universal e do particular, da causa e do efeito, da imanência e da transcendência.

Heráclito, se referindo ao Todo e à sua contradição lógica, diz:

“Deus é dia e noite, verão e inverno, guerra e paz, abundância e fome.”

O Todo é imanente e transcendente. É transcendente pois, contendo unidade, transcende a multiplicidade; e contendo multiplicidade, transcende a unidade. Por outro lado, é imanente pois permeia tanto a *unidade* quanto a *multiplicidade*.

O Todo, sendo identidade dos contrários, é, também, unidade entre causa e efeito. Por essa mesma razão, o Todo é autoproduzido, pois o efeito do Todo nada mais é do que a própria causa. O Todo produz eternamente o Todo.

Na alquimia, em especial na famosa *Crisopeia de Cleópatra*, o Todo é representado hermeticamente pela figura do Ouroboros, um dragão ou serpente que morde a própria cauda. O Ouroboros simboliza o Todo pois exprime a união do princípio com o fim, a unidade da boca e da cauda.

Tal como atesta o persa Ostanes:

*"A natureza recria-se na natureza, a natureza vence a natureza,
a natureza domina a natureza."*

Zósimo de Panópolis afirma:

"A natureza fascina, vence e domina a natureza"



A partir da observação de que o "Todo é Um" (*hen to pan*) e de que todos os contrários são idênticos no Todo, deriva-se a ideia de que tudo é reflexo de tudo. Ora, se o Todo está em tudo e o Todo é identidade dos contrários, então em cada elemento do Cosmos se reflete todos os outros elementos do Cosmos.

Como bem articula a Tábua de Esmeralda:

*"O que está em cima é como o que está em baixo, e o que
está em baixo é como o que está em cima, para fazer a
maravilha de uma coisa única."*

Em outros termos, se no Todo encontra-se o céu e a terra, e no céu encontra-se o Todo, então no céu há um reflexo da terra. Do mesmo modo, a terra também reflete o céu. Por isso, o externo é o reflexo do interno, e vice-versa; a causa é o reflexo do efeito, e vice-versa; e o princípio é o reflexo do fim, e vice-versa.

Outro símbolo alquímico que expressa a unidade absoluta do Todo é o do casamento do rei e da rainha, a união dos princípios masculinos e femininos, do Sol e da Lua, do ouro e da prata, do enxofre e do mercúrio. O casamento é a anulação da separação e da diferença.



A operação do casamento do rei e da rainha, ou seja, da união dos contrários e do reconhecimento de um Todo, é, na jornada alquímica, denominada *Obra em Branco*, também chamada *Albedo*. Esse passo é fundamental na alquimia hermética pois ele conduz o alquimista à terceira e última operação, a chamada *Obra em Vermelho*.

Contudo, antes que se possa discutir acerca da *Obra em Vermelho*, ou *Rubedo*, é necessário frisar um aspecto mais *prático* da união dos contrários. Pois, até o momento, foi exposta apenas a teoria especulativa de que o mundo interno é o reflexo do mundo externo, e vice-versa.

Entretanto, a alquimia não se constitui apenas de um trabalho intelectual e logóico de especulação metafísica. A compreensão de que o Todo está em tudo e tudo é o Todo não deve consistir apenas de conceitos linguísticos para o alquimista. Ao contrário, o alquimista deve *viver e experimentar* essa união. O alquimista deve *enxergar* e *contemplar* com seus próprios olhos o casamento do rei e da rainha, do externo e do interno, do céu e da terra, do individual e do universal, do sujeito e do objeto.

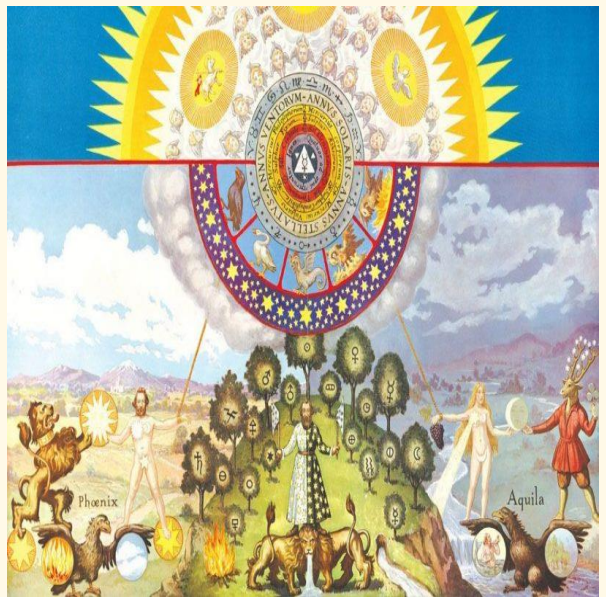
Para isso, o alquimista enxerga a si mesmo como o próprio mundo, tal como enxerga o mundo como a si mesmo. É uma operação ao mesmo tempo suicida e homicida, pois o alquimista mata o seu eu individual (suicídio) e mata o mundo externo (homicídio) para dissolver-se, junto ao mundo externo, no Todo.

É importante frisar o caráter duplo da operação, suicida e homicida, pois o casamento não é somente uma dissolução do eu individual no mundo externo, nem mesmo somente a dissolução do mundo externo no eu individual, mas ambos. O eu dissolve-se no mundo e o mundo dissolve-se no eu. Só assim, e apenas assim, o alquimista experimenta o Todo, a unidade absoluta e primordial.

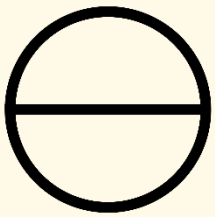
Enxofre, Mercúrio e Sal

Após o alquimista ter meditado acerca da dualidade alquímica (*enxofre* e *mercúrio*) e da unidade suprema e absoluta do Todo (*Ouroboros*), o artista se depara com o emergir de um *terceiro* elemento: o *sal*, ou arsénico, o dissolvente e neutralizador universal.

O sal é a substância alquímica que nasce da mistura entre o *pai* e a *mãe*, da união entre o *enxofre* e o *mercúrio*, do acasalamento entre o *rei* e a *rainha*. O sal é um *terceiro* justamente porque, da mistura de duas substâncias, uma nova é gerada.



É claro que o *sa*/não é essencialmente distinto do *pai* e da *mãe*. Pelo contrário, é uma espécie de obscurecimento e neutralização das forças opostas do pai e da mãe. Em outros termos, o *sal* é a *indiferença* entre o *pai* e a *mãe*. É por meio do *sa*/que, na alquimia prática, o *enxofre* e o *mercúrio* são ligados e unidos.



O símbolo alquímico do *sal* expressa sua natureza dupla e misturada ao repartir horizontalmente um círculo. Nesta ocasião, o círculo simboliza o Todo, a união do princípio e do fim, da boca e da cauda. A divisão horizontal, por sua vez, exprime a existência das duas naturezas do Todo (*pai* e *mãe*) no *sal*.

Em *lato sensu*, o *sal alquímico* é a essência corpórea nascida do acasalamento entre o *espírito* e a *alma*. O *fixo* do espírito é harmonizado com o *volátil* da alma e dessa harmonia nasce o corpo e o mundo corpóreo. Da essência ígnea do espírito, o corpo ganha sua *unidade* e seu *ser*. Por outro lado, da substância vivificante da alma, o corpo adquira seu *devir*, sua *vida* e seu *movimento*.

Dessa forma, todo o mundo corpóreo é um enorme organismo; um grande deus que vive e respira. Além disso, se o macrocosmo é também o microcosmo ("assim acima, como abaixo"), então cada ser vivo individual não é nada senão o próprio Cosmos como um todo.

"Todo o corpo terrestre que levais faz um com a totalidade do corpo inflamado deste mundo."

~Jacob Boehme, em "Aurora Nascente"

Nos primeiros versos do *Livro de Lambspring* (capítulo 1), é dito:

"Ouça, sem terror, que na floresta [corpo] estão escondidos um cervo [alma] e um unicórnio [espírito]."

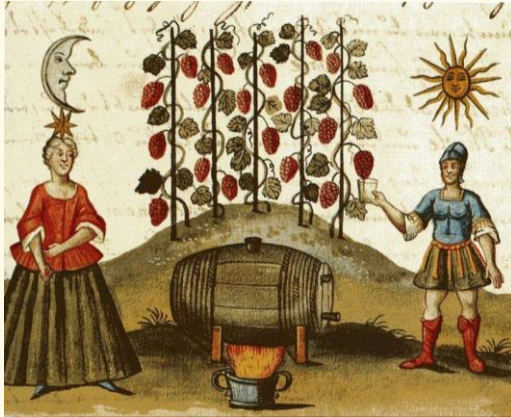
Na *Tábua de Esmeralda*, também é verificado:

"O Pai de toda Telesma do mundo está aqui [na Terra, no Corpo]."

Jacob Boehme, já citado, atesta:

"Tudo o que cresce, vive e se move neste mundo contém Enxofre, sendo o Mercúrio a vida, e sendo o Sal a essência corpórea do desejo do Mercúrio."

Em escala cosmológica, as estrelas *fixas* que circulam ao redor da terra do leste para o oeste simbolizam a imutabilidade do *espírito*. Em contrapartida, as estrelas *errantes* que circulam ao redor da terra do oeste para o leste simbolizam o devir da *alma*.



É por essa razão que há um jogo de opostos com as duas direções cardeais no *Livro de Lambspring* (capítulo 5):

*“Alexandre escreve da Pérsia
Que um lobo [espírito] e um cachorro [alma] estão neste
campo [corpo],
Que, como dizem os Sábios,
São descendentes da mesma linhagem [o Todo],
Mas o lobo vem do leste,
E o cachorro do oeste.”*

Na jornada alquímica, a concepção do *filho* corresponde à Obra em Vermelho, ou Rubedo. Este é o último estágio do alquimista. Aqui, por meio da união entre os opostos e do coito entre o *rei* e a *rainha*, o alquimista dá luz à obra incorruptível do Todo. Aqui, o alquimista “zomba da morte”, pois dissolve sua finitude no infinito da Unidade Absoluta e torna-se imortal.

Caos Interior e os Setenários

Viu-se (em “*Ouroboros e o Todo*”) que a segunda fase do alquimista, intitulada *Obra em Branco*, ou *Albedo*, é buscar a aniquilação da dualidade (*solare lunar*, *enxofre* e *mercúrio*) e atingir a unidade suprema do *Todo*. Isso significa, como já exposto, reconhecer o *si* no *outro* e o *outro* no *si*. A Tábua de Esmeralda resume essa busca com o famoso verso “*assim acima, como abaixo*”.

Entretanto, na alquimia, por mais que ambos os reconhecimentos sejam importantes, a constatação do *outro* em *si* é mais enfatizada. A partir dessa gnose (conhecimento), o alquimista finalmente pode começar a operar em sua jornada de autoconhecimento. Esta é a jornada *interior* do hermetismo, apesar de, contudo, ser também, paradoxalmente, *exterior*; pois o *outro* está em *si*.

“Ninguém pode sobressair na arte alquímica sem conhecer os princípios em si mesmo; e quanto maior for o conhecimento de si mesmo, maior será o poder de atracção adquirido, e se realizarão mais coisas grandes e maravilhosas.”

~ Heinrich Cornelius Agrippa, em “Três Livros de Filosofia Oculta”.

Também a famosa Tábua de Esmeralda e o famoso Corpus Hermeticum demonstram a via hermética interior:

*“A Telesma do mundo está aqui [no Corpo]”
Tábua de Esmeralda*

*“És tudo em tudo, composto de todos os poderes.”
Corpus Hermeticum, 76*

No mais, há uma outra consideração a ser feita: a alquimia é apenas uma via do hermetismo teúrgico. Em especial, a alquimia é a via terrestre e interior. A via celestial e externa é a via astrológica. Por essa razão, a alquimia é, para o mundo terrestre, o que a astrologia é para o mundo celestial.

Por conseguinte, se a alquimia é um reflexo da astrologia e a astrologia é um reflexo da alquimia, os elementos de uma refletem-se na outra, e vice-versa. Na astrologia hermética, por exemplo, o teúrgo deve ascender pelas sete esferas errantes (multiplicidade) até atingir sua estrela fixa (unidade) e purificar o seu corpo sutil. Igualmente, o alquimista deve passar por sete etapas até culminar na pedra filosofal, a *Obra em Vermelho*.



Somado a isso, as sete estrelas errantes da astrologia possuem sete metais correspondentes no reino terrestre. Por exemplo, o ouro e a prata são densificações terrestres do Sol e da Lua; por outro lado, o ferro e o chumbo são densificações das forças marcianas e saturninas.

O primeiro livro do Corpus Hermeticum descreve (I:25) perfeitamente a ascensão do teúrgo pelas sete esferas astrológicas:

*“E, dessa maneira, o ser humano se lança para o alto através
dos círculos das esferas.
Na primeira região [Lua], ele abandona a potência de crescer e
decrecer;
na segunda [Mercúrio], o artifício do mal e da astúcia, então
impotente;
na terceira [Vênus], a ilusão dos desejos, a partir de então
impotente;
na quarta [Sol], a vaidade do comando, que já não pode ser
satisfeita;
na quinta [Marte], a arrogância ímpia e a audácia temerária;
na sexta [Júpiter], o apego às riquezas, então sem efeito;
na sétima [Saturno], a mentira insidiosa.”
Corpus Hermeticum, 25.*

E ainda conclui quase que poeticamente:

*“E então, despojado de todas as obras produzidas pelos
círculos das esferas, ele chega à oitava região [Logos],
mantendo apenas sua natureza divina, e canta com os entes
dali [deuses vivos] hinos em honra ao Pai.
E todos os deuses que ali estão alegram-se com sua chegada
junto a eles, e, tendo se tornado semelhante a esses seus
companheiros, ele também ouve a voz melodiosa das
Potências que estão acima da oitava natureza [Logos] e que
cantam hinos de louvor a Deus [Pai].
E então eles sobem em ordem para o Pai e entregam-se às
Potências, e tornando-se por sua vez Potências, entram em
Deus.
Pois tal é a finalidade bem-aventurada para aqueles que
possuem o Conhecimento: tornarem-se Deus.”
Corpus Hermeticum, 26*

A contraparte alquímica desta ascensão hermética e teúrgica é composta, respectivamente, pelas sete fases: Calcinação (1), Sublimação (2), Solução (3), Putrefação/Fermentação (4), Separação/Destilação (5), Coagulação (6) e Tintura/União (7).

No que se refere à correspondência teúrgica entre o setenário astrológico e o setenário alquímico, é importante refrisar que enquanto um é uma via *externa* (astrologia), outro é uma via *interna* (alquimia). Em outras termos, embora ambos levem ao mesmo destino (Deus, o Todo), um é direcionado para o alto (astrologia) e outro é direcionado ao profundo (alquimia).



Irineu, referindo-se à jornada alquímica e suas sete etapas, atesta:

«É preciso purificar o Mercúrio pelo menos sete vezes. Só a partir de então que o banho para o Rei está pronto»

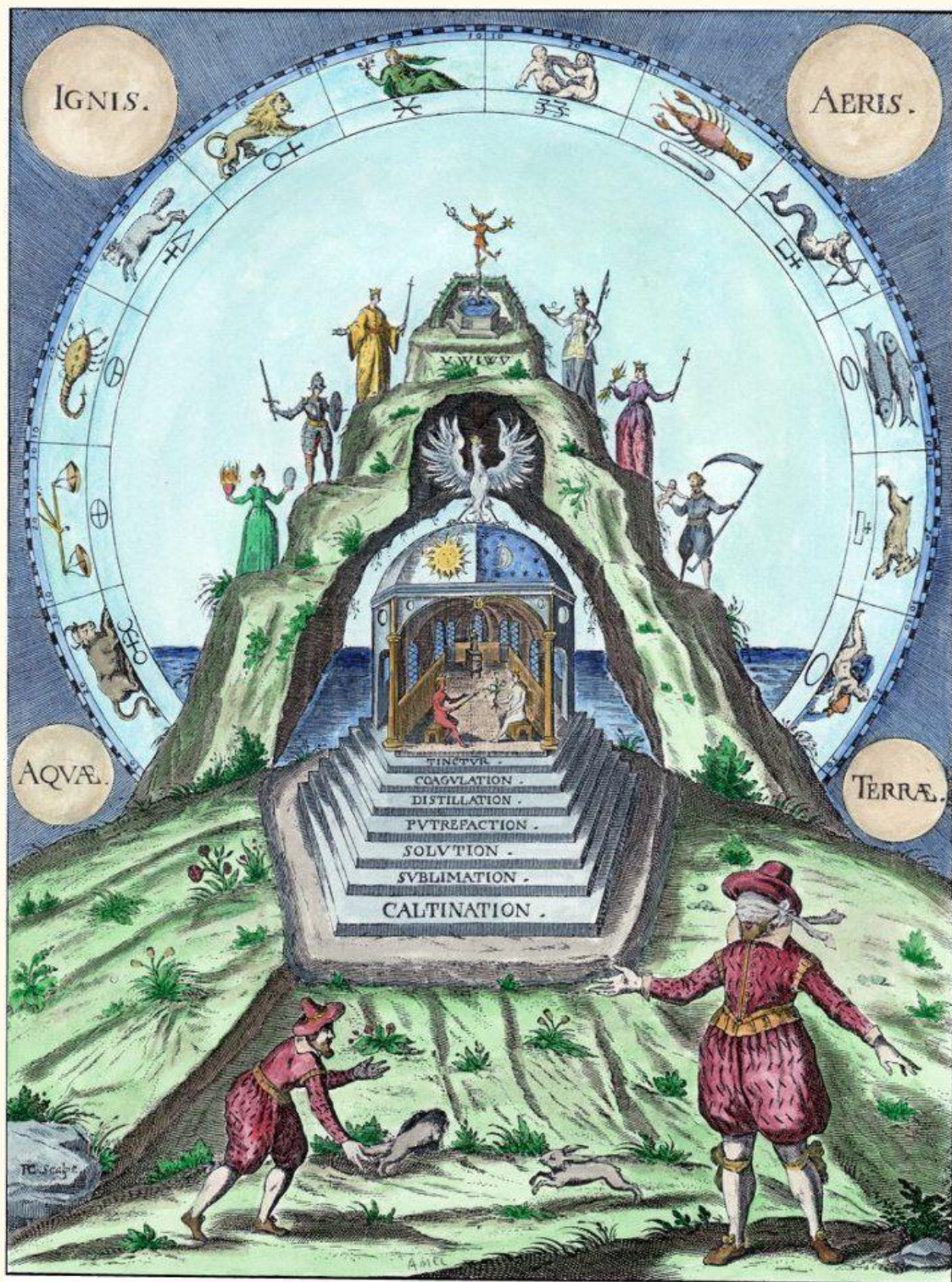
Na alquimia, o mercúrio, como já discutido, é o metal que manifesta as forças voláteis da alma. Na astrologia, por sua vez, essas forças anímicas estão relacionadas às sete esferas errantes. É por esse motivo que Filaeto correlaciona o Mercúrio com o *sete*. Afinal, da mesma maneira que o teúrgo, optando pela via externa astrológica, deve acender pelas sete esferas errantes, também o alquimista deve purificar o Mercúrio ao menos sete vezes.

De acordo com o alquimista alemão Jacob Boehme, os sete celestiais são manifestações visíveis e exteriores dos sete invisíveis e interiores. Ademais, a relação dos *sete* com a jornada espiritual e teúrgica também pode ser verificada miticamente com a figura do herói Hércules, o homem que se torna herói ao vencer a Hidra de Lerna, um dragão com sete cabeças.

O VITRIOL, sigla para a frase *“visita interiora terrae rectificando invenies occultum lapidem”* expressa perfeitamente a jornada rumo ao interior. A expressão, cunhada por Basílio Valentino, pode ser traduzida como “visita o interior da Terra [corpo], purificando-te, e encontrarás a pedra oculta”.



De qualquer forma, sobre isso basta dizer que os sete planetas existem dentro de cada um e são as etapas pelas quais os teúrgos, em uma jornada rumo ao interior, devem vencer para alcançar a iluminação, a pedra filosofal e a imortalidade.



Nigredo, Albedo e Rubedo

Após essa breve introdução aos pilares que sustentam a alquimia, pode-se concluir que o alquimista, em sua jornada espiritual, percorre três grandes obras. Em termos alquímicos, as três grandes obras chamam-se Nigredo, a Obra em Negro; Albedo, a Obra em Branco e Rubedo, a Obra em Vermelho.

A Obra em Negro é a fase inaugural da alquimia e é marcada pela purificação através do fogo. Em Nigredo, faz-se necessário queimar as ilusões e desprender-se das falsas identificações materiais. Na alquimia prática e laboratorial, esta etapa trata-se da incineração dos objetos até que estes retornem às cinzas e se tornem análogos à única Matéria Prima que permeia todos os corpos.

A morte, a queima e a dissolução são necessárias para que o alquimista possa se livrar do peso da matéria e elevar-se rumo aos céus. Por isso, de uma maneira geral, a Obra em Negro é o abandono da identificação com o corpo e o reconhecimento da existência da alma e do espírito.

*“Todas as nossas purificações são feitas no fogo, pelo fogo e com fogo.”
~ Fulcanelli.*

Purificar-se com o fogo é simplesmente o passo fundamental para que, nas cinzas do corpo, o alquimista possa descobrir e reconhecer o dualismo ouro-prata, Sol e Lua. Em outras palavras, dissolver a essência corpórea é um ato indispensável para a reminiscência da existência da alma e do espírito.

No entanto, a essência corpórea, o *sal alquímico* e a matéria não são em si mesmos ruins. Afinal, a alma e o espírito se escondem no corpo; é do corpo que a alma e o espírito se sustentam. Como bem afirma a milenar Tábua de Esmeralda, *“a Terra é sua nutridora”*. Por este motivo, Zósimo alerta “que as escórias [as cinzas] constituem todo o mistério”.

A Obra em Branco, por sua vez, é a segunda etapa enfrentada pelo alquimista e é marcada pela conjunção e pelo casamento da dualidade alquímica em uma identidade de opostos. Em Albedo, a alma e o espírito são vistos como polos e facetas da substância única do Todo.



A figura do *Grande Símbolo de Salomão*, elaborada por Eliphas Levi, expõe simbolicamente e perfeitamente a noção não-dual do Albedo.

Primeiramente, uma serpente é mostrada contornando toda a figura e mordendo a própria cauda, claramente simbolizando o Todo e o Ouroboros.

Por outro lado, na parte interna da figura, vê-se a divisão entre um reino superior (Macrocosmo) e um reino inferior (Microcosmo).

Finalmente, pode-se observar que o macrocosmo reflete o microcosmo e o microcosmo reflete o macrocosmo. Isso fica claro quando o observador percebe que o ancião do reino superior é refletido, de ponta cabeça, no reino inferior.

Portanto, dentro do Todo, o Sol e a Lua são reflexos um do outro e, por essa mesma razão, são uma só coisa: o Todo dominando o Todo e o Todo sendo dominado pelo Todo. Em suma, *assim em cima, como embaixo*.

"Há uma só Natureza e uma só Arte."

A Obra em Vermelho é puramente o produto do casamento entre o Rei e a Rainha. Em Rubedo, o alquimista finalmente atinge a iluminação e rememora que é o Todo. Mais especificamente, o alquimista se torna possuidor da *gnose*, do conhecimento de que nada se torna o Todo, pois tudo é e sempre foi o Todo.

"És tudo em tudo, composto de todos os poderes."
Corpus Hermeticum, 76

Esotericamente, o produto da Grande Obra e da pedra filosofal chama-se Rebis, o hermafrodita divino, o ser bissexual, o ser masculino e feminino, o ser solar e lunar, a identidade dos opostos, a reconciliação do espírito e da alma com a indiferença e neutralização do espírito e da alma.



"Aquele que tem isso tem todas as coisas e não quer outra ajuda. Pois nele estão toda felicidade temporal, saúde corporal e fortuna terrena. É o espírito da quinta substância, uma fonte de todas as alegrias (sob os dias da lua), o sustentador do céu e da terra, o motor do mar e do vento, o derramador da chuva, sustentando a força de todas as coisas."

Morienus.

"É visto de longe e encontrado perto; pois existe em todas as coisas, em todos os lugares e em todos os tempos. Tem os poderes de todas as criaturas; sua ação é encontrada em todos os elementos, e as qualidades de todas as coisas estão neles, mesmo na mais alta perfeição."

Paracelso.